

COMUNICADO TÉCNICO

Nº 33 ago/97 p.1-4

- LINFADENITE CASEOSA -
RECOMENDAÇÕES E MEDIDAS PROFILÁTICAS

OK

Francisco Selmo Fernandes Alves¹
 Raymundo Rizaldo Pinheiro²

A Linfadenite Caseosa (LC) é uma doença infecto-contagiosa causada pela bactéria *Corynebacterium pseudotuberculosis*. Acomete caprinos e ovinos e caracteriza-se pela formação de abscesso(s) contendo pús de cor amarelo-esverdeado e consistência tipo queijo coalho. A doença apresenta-se em duas formas, a superficial e a visceral. Os abscessos localizam-se, inicialmente, nos linfonodos superficiais, podendo ser na região da mandíbula, abaixo da orelha, na escápula, no crural, e na região mamária. Apresenta-se, também, nos gânglios internos (mediastínicos, torácicos) e nos órgãos como os pulmões, o fígado e, em menor escala, o baço, a medula, e o sistema reprodutivo.

O Nordeste é a Região brasileira onde observa-se a maior freqüência desta enfermidade, devido à grande concentração destes pequenos ruminantes, da vegetação contendo espinhos e da falta de orientação adequada aos criadores de caprinos e ovinos, quanto à sanidade de seu rebanho. Estes fatores são de grande relevância na transmissão e disseminação desta doença. Para a caprino-ovinocultura nacional trata-se de um sério problema, com percas econômicas evidenciadas através da diminuição de produção de leite, da desvalorização da pele devido às cicatrizes, ao custo das drogas e da mão de obra para tratar os abscessos superficiais. As perdas na produção são observadas quando o linfonodo afetado está localizado em áreas específicas (mandíbula, região crural, úbere), diminuindo as atividades normais do animal, como a mastigação, a locomoção no pasto, a procura de alimentos e a lactação. Na forma visceral, a doença atinge os órgãos internos o que resulta no emagrecimento, na condenação de carcaças e na morte do animal.

¹Méd. Vet., Ph. D, Pesquisador da Embrapa - CNPC

²Méd. Vet., M. Sc., Pesquisador da Embrapa - CNPC

CT/33 CNPC, ago/97, p.2

TRANSMISSÃO

A disseminação do agente infectivo desta doença deve-se à ruptura dos abscessos, cujo material segregado contém um elevado número de organismos viáveis. A habilidade desta bactéria em sobreviver no solo por um período longo confirma a presença constante deste agente nos criatórios. A sobrevivência e a persistência do microorganismo, em relação ao tempo em diferentes objetos, são as seguintes:

- animal: sem limite;
- madeira: 1 semana;
- palha: 3 semanas;
- forragem(feno): 8 semanas;
- solo: 8 meses.

Outros fatores, como concentração de animais, ferimentos na pele e umidade, concorrem altamente para a transmissão da doença. Quando um animal infectado é introduzido num rebanho livre da doença, dentro de dois a três anos ocorre uma alta incidência do aparecimento de abscessos em todo rebanho.

Os métodos principais de propagação desta doença entre uma propriedade e outra são: a introdução de animais infectados e os equipamentos contaminados (tatuadores, brincadores, etc). Enquanto que, os métodos essenciais de disseminação entre os animais são: a tosquia, tatuagem, a marcação, na castração, no corte de cauda, na vacinação, e contato entre o material purulento dos animais e instalações.

MEDIDAS PROFILÁTICAS

Ainda não existe uma definição quanto ao tipo e à eficiência das vacinas existentes, portanto recomenda-se, como medida profilática, a incisão cirúrgica dos abscessos periféricos antes que se rompam espontaneamente. Uma vacina viva atenuada foi desenvolvida pela Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola, mostrando uma eficiência de 83,33% na prevenção do aparecimento de abscessos superficiais, em caprinos vacinados aos 3 meses e acompanhados por um período de 8 meses. Outro tipo de vacina utilizado é o toxóide a 3%, que conseguiu conter a disseminação do agente infectivo a outras partes do corpo do animal, mostrando resultados promissores. Devido ao longo período de incubação desta doença e à ausência de lesões visíveis à formação dos abscessos, é difícil distinguir clinicamente os animais infectados dos não infectados.

Geralmente, o tratamento com antibióticos não é recomendável economicamente, porque esta terapia demora semanas ou até meses. Além do mais, é quase impossível erradicar esta doença com este tratamento, pois os antibióticos não penetram na cápsula dos abscessos. O controle deve ser realizado através de medidas imunoprotetoras. Para isto, todos os esforços devem ser feitos no sentido de se eliminarem ou reduzir as fontes de infecção e/ou propagação da doença nos rebanhos.

DIAGNÓSTICO

No animal vivo ou na carcaça, os métodos utilizáveis para o diagnóstico da doença são:

- Realizar exame clínico de palpação dos linfonodos superficiais para verificar se estão aumentados;
- Aspirar o material do(s) abscesso(s) para cultura (isolamento e identificação do agente);
- Realizar teste sorológico: teste de inibição da hemólise sinérgica (IHS) e ELISA;
- Nas carcaças, deve-se realizar o exame pós-mortem para verificar a presença de abscessos nos órgãos (fígado, pulmão, etc).

Sintomas e causas que confundem o diagnóstico na forma superficial e vísceral:

Forma superficial:

- Abscessos causados por *Actinomyces pyogenes*; *Stafilococcus aureus*
- Edema submandibular(Fasciola hepática, Hemoncose)
- Cisto salivar
- Linfosarcoma; outros tumores
- Inoculação subcutânea de vacinas Pasteurelose

Forma vísceral :

- Subnutrição
- Parasitismo
- Doença de Johne's
- Scrapie
- Adenomatose pulmonar
- Pasteurelose
- Neoplasia
- Paratuberculose

RECOMENDAÇÕES

- Diante das medidas profiláticas existentes deve-se seguir rotineiramente as recomendações seguintes:
 - Fazer inspeção periódica do rebanho;
 - Eliminar na medida do possível, os animais com abscessos;
 - Tratar os abscessos, não deixando que se rompam espontaneamente, pois o pús constitui foco ativo de infecção;
 - Tratar e desinfetar o umbigo dos animais recém-nascidos e/ou qualquer tipo de ferimento superficial com solução de iodo a 10%.

OBS: Não é recomendável a prática de injetar solução de formol a 10% nos abscessos aumentados (visíveis), pois este reagente é irritante/caústico aos tecidos (pele, mucosas e pulmões). A solução de formol com a concentração de 1 a 10% é empregada comumente como desinfetante de superfícies, pois possui propriedade potente contra todos os organismos, inclusive seus esporos. O uso da solução de formol em animais para consumo humano também não é recomendado devido ao efeito residual acumulativo do produto, causando toxidez nos tecidos dos animais, o que poderá acarretar transtornos. A utilização de formol em animais nos EUA é proibido porque é cancerígeno.

PROCEDIMENTOS NA ABERTURA DE ABSCESSOS

Materiais a serem utilizados

- 1) Algodão hidrófilo, gaze;
- 2) Papel toalha, jornal;
- 3) Água e sabão;
- 4) Aparelho e lâmina para tricotomia (raspagem dos pêlos);
- 5) Álcool;
- 6) Solução de iodo a 10%;
- 7) Repelente (mata bicheira);
- 8) Pinça e/ou qualquer instrumento de madeira (20cm de comprimento por 1,5cm de diâmetro);
- 9) Bisturi com lâmina (poderá ser utilizado qualquer instrumento cortante).

OBS: Todos os instrumentos deverão estar desinfectados em água fervente, ou álcool.

PROCEDIMENTO

1. Isolar os animais com abscesso.
2. Fazer a abertura dos abscessos fora do aprisco, em lugar próprio que permita boa desinfecção e destruição da massa purulenta.

Seguir os seguintes passos:

- a) Preparar a região fazendo raspagem dos pêlos (tricotomia);
- b) Fazer assepsia da área com solução de álcool iodado (iodo 10% e álcool a 70%);
- c) Fazer incisão vertical longa, na região mediana ao bordo inferior do abscesso, para facilitar a drenagem e a limpeza interna do mesmo;
- d) Com papel toalha, pressionar para retirada de todo material, tendo o cuidado para conservá-lo em saco plástico ou balde;
- e) Retirar todo o material purulento, usando gaze ou algodão enrolado em uma pinça ou instrumento de madeira (ver material acima);
- f) Aplicar solução de iodo a 10% interna e externamente;
- g) Embeber uma gaze com a mesma solução de iodo e deixar dentro do local incisado (servirá como dreno), prevenindo a disseminação e a contaminação do meio ambiente. A gaze irá ajudar a absorver o material infectivo restante e a prevenir contra miíase (bicheira);
- h) Colocar "spray" repelente, se necessário;
- i) Isolar o animal em uma área própria e retirar a gaze (dreno) em 24 horas;
- j) Repetir os procedimentos dos ítems f, g, h, durante dois dias;
- l) Queimar e enterrar o material purulento;
- m) Desinfectar os instrumentos em álcool por imersão e flambar, ou em água fervente, ao final de cada procedimento;
- n) Os instrumentos que forem utilizados para a abertura dos abscessos deverão ser usados somente para este propósito.